



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7509 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

**MULHERES AUTISTAS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E NARRATIVAS DE VIDA:
CONEXÕES POSSÍVEIS PARA A COMPREENSÃO DO PASSADO ESCOLAR**

Flávia Lomba Costa - UNESA - Universidade Estácio de Sá

Pereira Lima - UNIVERSIDADE ESTACIO DE SÁ - RJ

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES PROSUP

**MULHERES AUTISTAS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E NARRATIVAS DE
VIDA: CONEXÕES POSSÍVEIS PARA A COMPREENSÃO DO PASSADO
ESCOLAR**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que se manifesta em níveis ou graus muito variados, e à qual a literatura especializada correntemente atribui uma expressiva prevalência masculina (SCHMIDT, 2017). Mas, embora no âmbito nacional ainda não se verifiquem produções nesse sentido, pesquisas internacionais têm recentemente sugerido que a disparidade entre meninos e meninas diagnosticados com a condição se deva, ao menos em parte, a um expressivo subdiagnóstico da condição em mulheres. A exemplo do que dizem Bargiela, Steward e Mandy (2016), muitas delas contariam com apresentações mais sutis de características, como os comportamentos repetitivos, e também um maior pendor para “camuflar” (*to camouflage*) os traços que seriam considerados como marcadores da condição.

O termo “camuflagem” indica que há modelos socialmente aceitos que se deseja imitar e em relação aos quais se pretende suprimir aspectos para ocultar uma diferença. Desse modo, abre-se caminho para se falar em possíveis conhecimentos de senso comum sobre comportamentos considerados “normais” e, por extensão, sobre o que é “ser normal”. É nesse sentido que se conduz, aqui, um estudo pautado na Teoria das Representações Sociais (TRS), integrada ao aporte (auto)biográfico, de narrativas de vida, o que caracteriza uma abordagem psicossocial. Isso porque a TRS, erigida por Moscovici (2012), estuda os conhecimentos de senso comum, socialmente compartilhados no cotidiano dos grupos sociais, ao passo que a abordagem (auto)biográfica proporciona um olhar mais sensível às vivências e experiências pessoais, envolvendo também o pesquisador em um esforço intersubjetivo e “humano” pela elaboração de narrativas, tal como se pode depreender de Bragança (2012).

Com essa fundamentação, o estudo aqui apresentado pretendeu investigar o passado escolar de mulheres diagnosticadas com TEA apenas na vida adulta, com base em suas representações sociais sobre “ser normal” quando frequentavam a escola. Considera-se que esse passado pode oferecer pistas para esclarecer faces do autismo “camuflado” no espaço escolar, além de expor desafios que esses sujeitos enfrentam. O conhecimento de tais aspectos

pode orientar encaminhamentos para um diagnóstico o mais precoce possível, reduzindo sofrimentos e proporcionando um ambiente inclusivo para o pleno desenvolvimento dessas pessoas.

No que concerne à geração de dados, procedeu-se à entrevista com oito mulheres autistas de vários estados do Brasil, as quais foram acessadas via internet, com o devido parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, resguardando o anonimato das participantes, cujos nomes foram alterados por pseudônimos. A entrevista se deu em um modelo semiestruturado com elementos de entrevista-conversa, atentando para as demandas específicas das pessoas com TEA contatadas, tais como a de solicitar perguntas mais direcionadas, objetivas e com respeito a uma forma mais literal de compreensão da linguagem.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica da análise de conteúdo, adaptada de Bardin (2000). As narrativas de vida contribuíram para o aprofundamento da análise, em um esforço da pesquisadora para dar conta da força e da unicidade que ecoam em cada vivência e em cada trajetória, ciente, ainda, de que a memória é (re)construída no presente e de que há nela um forte componente social, a exemplo do que pode ser visto no estudo de Naiff, Sá e Naiff (2008). Além disso, a discussão reflete as inter-relações possíveis entre as pesquisas em representações sociais e as que seguem o aporte (auto)biográfico (ALVES-MAZZOTTI, 2015), fortalecendo os estudos dos aspectos subjetivos em representações sociais, sem contudo ceder a uma individualização indiscriminada, como assinala Jodelet (2015).

A seguir, apresenta-se, como exemplo, trechos de uma das narrativas produzidas, elaboradas como resultado das entrevistas e do olhar da pesquisadora como narradora.

Emília, 28 anos [...]

Ao pensar em seu passado escolar, de imediato lhe vêm as palavras *bullying* e exclusão. A questão da sensibilidade sensorial tátil, sobretudo no que concerne ao contato com o cabelo, é muito marcante em sua fala. Conta-nos que suas dificuldades com o cabelo faziam com que o quisesse curto, razão pela qual sofria o *bullying* dos colegas, norteados por discriminação baseada no gênero, ao chamarem-na de “Maria João” e lhe perguntarem se queria ser homem.

[...]

À medida que foi passando pelas agruras do julgamento alheio, ela começou a reprimir comportamentos, embora não se lembre de ter tido um modelo de pessoa específica para a sua imitação de usos e atos considerados socialmente mais adequados. Lembra-se mais da supressão, para evitar comentários.

Não se recorda de tratamentos diferenciados dos professores e entende que, do momento que não atrapalhava a aula, ela não gerava incômodos e escapava a qualquer percepção de suas especificidades da parte dos docentes.

[...]

E dá o recado: ser diferente é normal.

Percebe-se que há dois momentos na narrativa: aquele que se reporta à crença em um “ser normal” no passado, em nome do qual Emília suprimia seus comportamentos tidos como inadequados, e outro, pós-diagnóstico, em que ela passa a pôr em xeque suas certezas acerca da existência de um “normal”, ou, ao menos, de um “normal” que não contemple o diferente. Nota-se, também, que os professores não pareciam perceber as especificidades dessa educanda. E, da parte dos colegas, não cessavam de pressioná-la, sob a forma de *bullying*. Esses aspectos se coadunam com aqueles presentes nos relatos da quase totalidade das participantes, evidenciando um cenário que favorece a condução de um estudo de representações sociais, que mostrou elementos como “*bullying*” e “ser normal é o Outro” no passado escolar.

Espera-se que esta pesquisa possa trazer um contributo para maior compreensão no que concerne ao espectro autista, com respeito às especificidades e às vivências dos sujeitos aqui implicados, incrementando conhecimentos em Educação Especial e com vistas a uma educação inclusiva, bem como um possível fomento às intervenções adequadas e ao combate ao subdiagnóstico e ao diagnóstico tardio nas gerações vindouras.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Autismo em mulheres. Representações Sociais. Narrativas de vida. Escola.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. Histórias de vida de professores, formação e representações sociais: uma proposta de articulação. *Revista de Educação Pública*, v. 24, n. 55, p. 81-101, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/2089/pdf>>. Acesso em: 20 set. 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARGIELA, S.; STEWARD, R.; MANDY, W. The Experiences of Late-diagnosed Women with Autism Spectrum Conditions: An Investigation of the Female Autism Phenotype. *J Autism Dev Disord*, v. 46, 2016. p. 3281–3294. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs10803-016-2872-8.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BRAGANÇA, I. *Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

JODELET, D. Problemáticas psicossociais da abordagem da noção de sujeito. *Cadernos de Psicologia*, v. 45, n. 156, p. 314-327, abr./jun. 2015.

MOSCOVICI, S. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012.

NAIFF, L.; SÁ, C.; NAIFF, D. Preciso estudar para ser alguém: Memória e representações sociais da educação escolar. *Paidéia*, v. 18, n. 39, p. 125-138. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000100012>. Acesso em: 01 set. 2020.

SCHMIDT, C. Transtorno do Espectro Autista: onde estamos e para onde vamos. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 22, n. 2, p. 221-230, abr./jun. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34651/pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.